

Clínica do autismo, da psicose ordinária e dos novos sintomas da discursividade pós-moderna

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-Doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)

Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)

Professora Associada IV Aposentada do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Pesquisadora Nível 1C do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/Brasil)

Presidente do Instituto Sephora de Ensino de Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Diretoria da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro da École de Cause Freudienne / ECF (Paris, França)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (Minas Gerais, Brasil)

Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)

E-mail: coelhosantostania@gmail.com

Em 2005, propus a Jacques-Alain Miller a criação de uma revista universitária de orientação lacaniana. Nunca pensei que chegaríamos a completar 20 anos de existência. Sonhei que esta revista poderia estabelecer um diálogo entre os psicanalistas da Associação Mundial de Psicanálise que ensinam e orientam dissertações e teses nas universidades em diferentes partes do mundo. Eu pensava, especialmente, em manter um canal aberto e permanente com o Departamento de Psicanálise de Paris 8 e a École de la Cause Freudienne. Fomos bem mais longe e tenho muito orgulho de apresentar nos últimos três anos um grande número de artigos baseados em conferências de colegas da ECF, de Rennes 2, da EBP, da UFSJ e da UFMG.

Nada disso teria sido possível sem o entusiasmo que a orientação de J.-A.M. desperta entre muitos de nós. Sem a adesão confiante e espontânea de meus colegas ao Grupo de trabalho da ANPEPP que mantem viva a rede de pesquisa que criamos há 20 anos atrás. Sem a dedicação de todos que colaboraram com a execução dessa revista, número após número, com uma generosidade impressionante. Eu não poderia citar cada um deles, mas, sem dúvida, Rosa Guedes, Flávia Lana, Catarina Coelho nunca deixaram a peteca cair. E graças à solidariedade que amealhei em todo o ISEPOL, pude realizar esse sonho e, eis aqui, mais uma produção de fôlego que registra uma parte considerável do trabalho deste Instituto.

O psicanalista da ECF e professor do Laboratório de psicopatologia e Psicanálise de Rennes 2, Michel Grollier, pronunciou uma conferência intitulada *O mal-entendido da linguagem no autismo* que nos encantou sobretudo pela quantidade de referências clínicas que ele espontaneamente nos ofereceu durante o debate. O autor rejeita a perspectiva cognitivo-comportamental que vê o autismo como um simples déficit de comunicação, defendendo que se trata de uma posição subjetiva singular. O sujeito autista, embora seja também um falasser, tem dificuldade em se inscrever no ato de enunciação (a

dialética "eu/tu"), o que impede a interlocução. A clínica se orienta pela suposição de um sujeito no dizer, muitas vezes assumindo o ato de fala para o paciente a partir da enunciação por terceiros. Kanner observou que a linguagem em autistas frequentemente consiste em "frases completas" (holófrases), que são associações congeladas de significantes a um evento real, funcionando como pontuação da realidade ou defesa contra o gozo. Lacan sugere que o autista "ouve a si mesmo", indicando uma relação singular com a voz como objeto pulsional, que não é incorporada como apelo ao Outro. O objetivo do trabalho analítico é fornecer um Outro suportável e reverter a fixação no significante-mestre (S1) isolado, permitindo a articulação simbólica e a humanização.

Mickaël Peoc'h, psicanalista e professor do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia de Rennes 2, em sua conferência acerca do *Corpo e psicose ordinária*, explora a evolução do conceito de corpo na psicanálise lacaniana, especialmente no último ensino de Lacan, focado na "psicose ordinária". Lacan, influenciado por Joyce, priorizou o "evento de corpo" como protótipo do sintoma, ligado à *jouissance* (gozo), desvinculando-o da busca por sentido. Historicamente, a separação entre corpo e espírito é antiga, reforçada pelo cartesianismo. A psicanálise, desde Freud, se interessou pelo corpo libidinal e por fenômenos resistentes ao saber médico. Lacan desenvolveu o conceito de corpo, começando com o estágio do espelho, e depois com o *falasser*, onde o corpo é afetado pela linguagem e pelo gozo. Miller descreve o corpo como suporte do gozo e propõe dois corpos sobrepostos: o corpo-saber e o corpo-gozo. Na clínica da psicose ordinária, o índice fundamental é a externalidade corporal, que se manifesta como uma dificuldade estrutural em manter a unidade do corpo, exigindo do sujeito a invenção de "braçadeiras" (*serre-joints*) para se segurar. O corpo, como o Outro do sujeito, reflete a fragilidade constitutiva do gozo.

Antônio Teixeira é psicanalista membro da EBP/AMP e professor do PPGpsi/UFMG. Devo a ele um grande número de contribuições às coletâneas que organizei com nosso GT 67 da ANPEPP. Hoje dividimos a coordenação desse GT e também a organização desse ciclo de conferências franco-brasileiras que deverá renovar esse projeto conjunto e duradouro de pesquisa. *A inteligência psicótica: delírio e rigor científico em Benjamin Labatut* analisa o "rigor psicótico" através da obra de Benjamin Labatut, que funde ficção e história da ciência para descrever a crise subjetiva de cientistas. Estes sujeitos confrontam o Real indizível, desvendado pela matemática, que desestabiliza a representação habitual da realidade. A ciência revela que a realidade é um "delírio generalizado" ou "crença coletiva" (*semblant*). A loucura singular do psicótico não é uma falha da neurose, mas uma lucidez rigorosa que rompe com a norma arbitrária que fundamenta o laço social. Exemplos como Cantor (infinitos múltiplos) e Schwarzschild (singularidade dos buracos negros) ilustram como a extrema rigorosidade científica conduz os sujeitos ao abismo e ao conflito, separando-os do sono delirante da maioria. A realidade depende de um ato ilógico de assentimento subjetivo a uma norma, o significante-mestre.

Guilherme Massara Rocha é psicanalista e professor do PPGpsi da UFMG. Participou de nosso ciclo franco-brasileiro com a conferência *Os efeitos da blue note: voz, música, ancestralidade*. Seu artigo

explora a pulsão invocante e a voz como objeto a lacaniano, destacando como a voz suspende o corpo em indeterminação sonora e semântica. A invocação, ligada ao Outro, é examinada através do modernismo estético (brasileiro e europeu), que recorreu à psicanálise freudiana e à arte ancestral (ex: música de feitiçaria) como um gesto político contra o recalque colonial. A Estética Blues é apresentada como um modernismo afro-diaspórico crucial, onde o canto (a voz) transcende a forma musical para traduzir o sofrimento, a memória e o Real. No Blues, a voz não é apenas som, mas o reaparecimento da *jouissance* (do gozo) no discurso, um suporte corporal que havia sido silenciado. A blue note é vista como uma letra de gozo, uma manifestação sensível do real que escapa à fantasia, invocando um estado de graça extática que rompe os limites simbólicos. Lacan, ao literalizar a pulsão, reconhece a voz como o "a-mais" da operação significante, essencial para o falassser. A Estética Blues funciona como uma ética que descodifica a normatividade repressiva e restitui o dizer esquecido de um povo.

Virginie Leblanc-Roïc é psicanalista membro da ECF e da AMP. Mestre de conferências em Paris 8, ela participou do nosso ciclo de conferências trazendo sua pesquisa sobre *Identidades, identificação, nominação, uma leitura contemporânea*. O texto explora a proliferação contemporânea de auto-nomeações e identidades (como poliamoros@, não-binári@ ou neurodivergentes), situando-a na "época líquida" de Zygmunt Bauman, onde novas comunidades se agregam em torno de significantes novos. Essa busca por identidade, que transborda em "proliferação da taxionomia identitária", é apresentada em contraste com o movimento de despatologização, mas destaca o paradoxo que é reivindicar um nome de gozo para se inserir no social, questionando se isso é uma estratégia de particularização ou uma recuperação pelo discurso capitalista. O artigo confronta essa autoafirmação identitária ("sou aquilo que digo"), influenciada pela performatividade da linguagem de Judith Butler, com a bússola psicanalítica, que vê a identidade como uma "armadura enfim assumida de uma identidade alienante" que vela a "falha" do ser. A psicanálise visa a um longo percurso de desidentificação para que o sujeito aprenda a "saber se virar com" seu gozo singular e seu sintoma, culminando, não em uma identidade comunitária, mas em uma identidade sintomal — um nome único que tenta cercar o núcleo de real que resiste à simbolização.

Maria Cristina da Cunha Antunes é psicanalista, membro do ISEPOL e seu artigo intitulado *Feminismo e pós-modernidade: da insatisfação à opressão da mulher pelo homem* questiona a radicalização os discursos contemporâneos acerca da submissão da mulher ao homem. Este artigo se orienta pela tese lacaniana de que há um real em jogo na diferença sexual e que os discursos feministas são respostas a esse real. A hipótese que procurou demonstrar é que há um deslocamento entre as teorias feministas modernas – que discutem o mal-estar entre os sexos - e os discursos feministas pós-modernos que operam pela desconstrução da noção de mulher e se integram aos movimentos identitários a partir do axioma "eu sou o que digo que sou". A autodefinição é o eixo da mentalidade pós-moderna, que foroclui o real e sonha com um igualitarismo absoluto na luta contra o fantasma de um Outro mau também absoluto e mortífero.

Laura Filgueiras de Campos, mestre pelo PPGpsi/UFMG e sua orientadora Márcia Rosa Vieira, psicanalista membro da EBP/AMP com pós-doutorado pelo PPGTP/UFRJ, também abordam os destinos do feminismo em *Simone de Beauvoir: um estudo sobre as parcerias amorosas na modernidade*. Seu objeto são as modificações acerca das parcerias amorosas na modernidade para o contemporâneo, cernindo como objeto de estudo a vida e a subjetividade de Simone de Beauvoir e a sua parceria com Jean-Paul Sartre. Para tanto, foi trabalhado o conceito de modernidade de Baudelaire e a concepção freudiana acerca da moral civilizada moderna, além da lei superegoica que se impõe em nossa civilização, encarnada como grande Outro. A figura de Simone de Beauvoir e a sua vida amorosa se insere nessa pesquisa como um caso paradigmático que nos permite compreender um recorte da modernidade europeia do século XX, em que novas forma de parcerias e de subjetivação emergiam e que já se presenciava o declínio do grande Outro.

Paula Cristina Barbosa de Carvalho Tavares, mestre em Psicologia PPGpsi/UFMG e sua orientadora Nádia Laguárdia de Lima, pós-doutora pelo PPGTP/UFRJ, nos oferecem uma excelente reflexão clínica acerca dos novos sintomas da discursividade pós-moderna. O artigo intitula-se *A escola diante de adolescentes com cortes autoprovocados: do silenciamento à escuta do sujeito* e traz uma reflexão sobre os cortes autoprovocados na adolescência, a partir do referencial teórico psicanalítico. Considerando a instituição escolar como um local privilegiado para a percepção desta manifestação de sofrimento de seus estudantes, perguntam-se sobre a possibilidade de atuação dos educadores junto aos adolescentes que realizam cortes autoprovocados. Acreditam que a psicanálise, a partir da oferta de um espaço de escuta, tem grande contribuição a oferecer neste campo.

Em Atualidades trazemos um pequeno relato de nosso encontro no Samparioca 2025. Neste mês de outubro, nos reunimos com os colegas do Instituto de Psicanálise lacaniana e São Paulo para confrontar nossas práticas como analistas lacanianos. Nossas apresentações convergiram diretamente para as intervenções que melhor caracterizam nossa orientação clínica e os esforçamos para explicitar o porquê. Jorge Forbes nos apresentou sua ideia de uma prática que trata o simbólico por meio do Real. Para isso, parte de que o recalque e a forclusão do Nome do Pai não são senão defesas, ou melhor, “rolhas” diante do Real. Esta orientação resume o caminho que percorreu ao longo do *Curso da TerraDois*. Ao retomá-lo agora, expõe algo que tem orientado seu horizonte há tempos: uma pergunta insistente, que acompanhou de modo decisivo cada avanço que procurou fazer. Como situar, na psicanálise, a questão do determinismo? Essa pergunta não surgiu por gosto intelectual nem por disputa metodológica. Ela se impôs clinicamente como eixo de um trabalho incessante, daqueles que exigem um retorno aos fundamentos da nossa práxis para reconhecer que é a própria clínica, exposta à velocidade com que o mundo se transforma, que indica quando nossos instrumentos começam a falhar e quando se torna necessário inventar novas formas de operar.

Sua prática com neuróticos, por meio de equívocos sempre cheios de humor, mostra como é se pode expor o sem sentido das defesas “ready-made” para que um sujeito possa inventar um novo

tratamento do Real. Alguns analistas do IPLA puderam complementar sua exposição, ilustrando com vinhetas experiências clínicas bem sucedidas do Projeto Genoma. Em todo os eles podemos reconhecer a marca de uma orientação clínica que “desautorizando o sofrimento” mostra ao sujeito que ele “sofre para não sofrer”. A apostila na invenção de uma solução singular frente à angústia e o Real sem lei, define o “entusiasmo” que anima nossos colegas de São Paulo.

Tania Coelho dos Santos trouxe alguns exemplos de como orienta, em supervisão, a prática dos analistas do ISEPOL. Flávia Costa, Daniele Rangel, Fernanda Queiroz e Fernanda Saboya trouxeram algumas intervenções que permitem perceber o lugar que concedemos ao “Outro da paróquia” de cada um. Partimos da ideia de que no último ensino de Lacan, o Um é sozinho, sem Outro, mas o Outro invade e inunda o psicótico. O neurótico, diferentemente, estabelece com no Outro uma espécie de imersão regulada pelas relações familiares. A construção da paróquia de cada um é uma estratégia para que o sujeito possa situar-se em relação àquilo que o cerca e determina, de modo a não se deixar inundar pelo Outro desconstruído, invasivo e anônimo que os discursos pós-modernos tentam impor a todos mundo. O poder da mídia, da globalização, da ideologia identitária woke, dos discursos que demonizam a civilização ocidental pode encontrar assim uma barreira natural no Outro da paróquia de cada um. E cada um, pode encontrar a psicanálise um recurso para não se afogar em nenhum Outro. Nós, analistas do ISEPOL, sustentamos a fidelidade aos princípios da psicanálise freudiana, renovada por Lacan, num país como o Brasil, que se caracteriza por favorecer trajetórias de acelerada ascensão socioeconômica. Colhemos com responsabilidade a consequência dessa aceleração: a forte desterritorialização simbólica e imaginária que expõe o sujeito, não ao Real sem lei da pulsão, mas a contextos simbólico/imaginários “estrangeiros”, cujos discursos desvalorizam o valor das coordenadas de sua origem humilde que pautaram suas vidas até então. Favorecemos, por meio do discurso analítico, que os sujeitos não mergulhem na angústia e na depressão da destituição de seus valores, do desbussolamento, nem se convertam “selvagemente” a ideologias dominantes para se adaptarem aos valores do novo contexto social.

E, finalmente, Flávia Lana G. de Oliveira, psicanalista membro do ISEPOL e professora do IP/UFF traz a resenha intitulada de *A comida, o comer e as raízes pulsionais da alimentação: da clínica do sujeito à clínica da civilização atual*. Trata-se do livro de Domenico Cosenza (2025). *A comida e o inconsciente*. Este é um reconhecido pesquisador com vasta experiência clínica junto a sujeitos que apresentam estas sintomatologias alimentares. O livro é um convite a ir além dos jargões, aprofundando de modo cuidadoso a lógica do ensino de Lacan a partir da orientação de Miller na abordagem de anorexias, bulimias, transtornos da compulsão alimentar e obesidades. Cosenza insere toxicomanias, alcoolismo, anorexias, bulimias e obesidades no conjunto das dependências patológicas, cujo denominador comum é a incidência de um supereu sádico que ordena ao sujeito que goze sem limites. Em tempos de elevação do objeto *a* ao zênite da estrutura discursiva que rege a civilização atual (Lacan, 1970/2003), o apelo a um gozo autoerótico através de uma substância ou de um determinado uso do

corpo facilita a instalação de desregulações pulsionais como os transtornos alimentares.

Espero que nossos leitores apreciem tantos trabalhos produzidos com elevada qualidade e dedicação. Agradeço mais uma vez a Rosa Guedes, Flávia Lana, Catarina Coelho dos Santos, Rebeca Espinosa, Ângelo Costa, Julia Sardinha, Ariel Moura e Maria Cristina que, com seu zelo e grande generosidade, viabilizaram mais este número de aSEPHallus.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (mai. 2025 a out. 2025). Clínica do autismo, da psicose ordinária e dos novos sintomas da discursividade pós-moderna. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(40), 01-06. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2025v20n40p01-06

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 05/12/2025 / 12/05/2025.

Aceito/Accepted: 06/12/2025 / 12/06/2025.

Copyright: © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.